

A ocupação da Antiguidade Tardia do sítio Cortes 1 (Monte das Cortes, Mombeja, Beja)

Eduardo Porfírio, Rui Pedro Barbosa e Alexandre Valinho¹

RESUMO

A área envolvente ao Monte das Cortes (Mombeja, Beja) é conhecida na bibliografia arqueológica portuguesa pela presença de vestígios do período romano. A equipa da Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda., dedicou a este local uma atenção especial durante a execução das medidas de minimização de impactes sobre o património, decorrentes da execução do projecto “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”. Este projecto consistia basicamente na implantação de condutas de abastecimento de água às freguesias rurais do concelho de Beja, da responsabilidade da EMAS, EEM.

Foi possível identificar e intervençionar numa vasta área, toda uma série de estruturas do âmbito funerário e doméstico datadas da Antiguidade Tardia, constituídas

nomeadamente por: sepulturas, silos, lixeiras e um forno.

Importa realçar ainda, a identificação de um silo do período medieval ou moderno e de uma pequena e limitada ocupação da pré-história recente, materializada numa estrutura escavada no substrato geológico. O conhecimento mais aprofundado desta última realidade foi extremamente dificultado pela reduzida dimensão da área de intervenção, ficando por determinar a sua tipologia e funcionalidade. Apesar de tudo, pensamos que estas estruturas, quando consideradas na sua totalidade, deverão ser entendidas no contexto mais amplo da exploração agrícola dos solos extremamente férteis desta região.

ABSTRACT

The area surrounding Monte das Cortes (Mombeja, Beja) has been known

in the Portuguese archaeological bibliography for long due to the presence of Roman remains. The Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património

Cultural Lda. - team dedicated special attention to this site during the enforcement of the “historical environment (heritage) impact minimization measures” promoted by EMAS, EEM on the “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”.

1 - Palimpsesto, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra.

E-mails: eduardoporfirio@palimpsesto.pt / ruibarbosa@palimpsesto.pt / alexandrevalinho@palimpsesto.pt

This project consisted mainly on the construction of a water supply system to supply the rural parishes of Beja's county. All of a series of funerary structures dated from the Late Antiquity, mostly consisting of graves, silos, dumps and a oven were identified, recorded and excavated in a large area.

It is also important to mention a small and limited

late pre-historic occupation, consisting of a structure excavated in the geological substratum that was identified. Understanding this structure was extremely difficult due to the reduced size of the trial trenching, thus its typology and function remain undermined. However, we think that this structure can be understood in a more ample context of agricultural exploration.

ANTECEDENTES E ENQUADRAMENTO DA INTERVENÇÃO

A área do Monte das Cortes (Mombeja, Beja) é desde há muito conhecida na arqueologia portuguesa pelos vestígios funerários do período romano, nomeadamente por um unguentário de vidro, encontrado numa sepultura de inumação construída com tijolos (Vasconcelos, 1909, 57; Alarcão, 1978, 103, 111, Est. IV n.º 18; Alarcão, 1988: 8/83 Lopes, 2003, 26).

Deste local provém também uma inscrição com três linhas de texto, noticiada por Frei Manuel do Cenáculo e cujo paradeiro é actualmente desconhecido. A atribuição cronológica desta inscrição ao período romano deve ser encarada com muitas reservas, pois apesar de Cenáculo ter conseguido ler a palavra *Victorinus*, classifica o estilo da letra como gótico. (Encarnaçao, 1984, 299).

Os trabalhos de campo realizados nesta zona no âmbito da Carta de Património Arqueológico e Arquitectónico (CPAA) de Beja, resultaram na identificação de oito sítios que forneceram materiais arqueológicos genericamente enquadráveis no período romano. Entre estes locais, conta-se Cortes 1 situado nas imediações do Monte com o mesmo nome, numa área aplanada, localizada entre o Barranco das Cortes e o caminho de acesso aos edifícios da herdade. Este sítio caracteriza-se pela presença abundante de cerâmica comum e de construção (*tegulae e latere*) e elementos pétreos que prenunciam a existência de antigas construções enterradas sob o solo (Ricardo e Grilo, no prelo).

O projecto “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”, da responsabilidade da EMAS – Empresa Municipal de Água e Saneamento de Beja, EM, consistia na instalação de condutas de abastecimento de água àquelas três freguesias rurais do concelho de Beja. Este empreendimento atravessava a herdade das Cortes numa zona marginal em relação à quase totalidade dos sítios referenciados na CPAA de Beja, mas relativamente próximo da área do sítio Cortes 1.

Deste modo, o quadro de elevado potencial arqueológico construído com base nas referências bibliográficas e na densidade de vestígios arqueológicos, encontrou plena expressão no decurso do acompanhamento arqueológico. Numa extensão de aproximadamente 500 metros de vala registaram-se várias estruturas escavadas no “caliço”, assim como várias concentrações de blocos pétreos associadas a cerâmica de construção e nódulos de argamassa, que prenunciavam a existência de construções. O conjunto de fragmentos cerâmicos recolhido, constituído na sua totalidade por cerâmica comum, apresentava características ao nível das formas e das pastas que possibilitavam a sua atribuição genérica ao período romano, confirmando-se assim a situação prenunciada pelo quadro de referência para a área do Monte das Cortes.

Estes vestígios distribuíram-se em grande medida por duas áreas distintas: uma localizada a Oeste do Monte das Cortes onde foram implantadas as sondagens 1 a 8 e uma segunda área situada a cerca de 500 metros a Norte onde se definiram as sondagens 9 a 12.

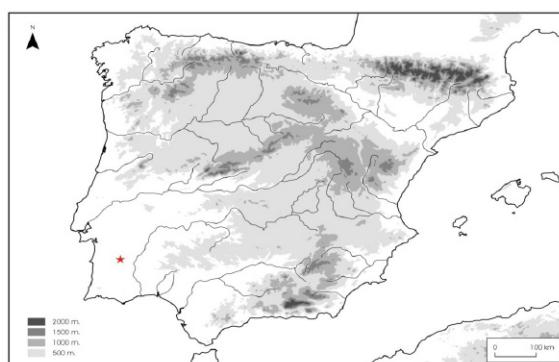


Fig. 1 – Localização do sítio Cortes 1 no mapa da Península Ibérica.



Fig. 2 – Localização das áreas intervenzionadas no sítio Cortes 1.

Os locais da intervenção arqueológica localizam-se junto à berma do caminho de terra batida que partindo de Beringel dá acesso ao Monte das Cortes. Administrativamente toda esta área pertence à freguesia de Mombeja, ao concelho e distrito de Beja, localizando-se nas seguintes coordenadas Latitude N: 38° 03' 39,950" Longitude W: -07° 98' 39, 900" (WGS84). A altitude média, varia entre os 195 m. da área das sondagens 9 a 12 e os 200 m. da zona das sondagens 1 a 8.

A nível geomorfológico estamos perante uma imensa área aplanada, cuja diferença de cotas é quase imperceptível a olho nu. Este tipo de relevo é característico da peneplanície alentejana que aqui se

materializa em ondulações pouco acentuadas, com cotas entre os 200 e os 230 metros, evoluindo para uma aplanação quase perfeita nas zonas próximas de Santa Vitória (Oliveira, 1992, 11).

Os terrenos da Herdade das Cortes são drenados pelo Barranco das Cortes, pelo do Carrascalinho e por várias linhas de água de caudal modesto e frequência sazonal, que correm directamente para a Ribeira do Galego, afluente da Ribeira do Pisão. Ao nível dos recursos hídricos deve ainda referir-se que toda esta área possui vários locais de captação de água, dos quais alguns merecem referência toponímica na Carta Militar, como o Poço dos Boiões.

PRINCIPAIS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

No decurso dos trabalhos arqueológicos verificou-se que a esmagadora maioria das realidades intervencionadas corresponderão a um horizonte cronológico-cultural grosso modo coincidente com a Antiguidade Tardia. Muito embora as especificidades da intervenção, dos próprios contextos arqueológicos, assim como o carácter preliminar do estudo dos materiais arqueológicos aconselhe alguma prudência neste capítulo.

Assim, nas sondagens 2, 3 e 4 identificaram-se

três sepulturas, respectivamente [204], [307] e [406], construídas com materiais de construção reutilizados e com blocos de pedra toscamente aparelhados. Nas sondagens 1, 5, 6, e 12 referenciaram-se uma série de estruturas [106], [504], [607] e [1209] que embora diferindo morfologicamente entre si, apresentam características que possibilitam classificá-las como silos. Por seu turno na sondagem 7 identificou-se um forno composto por uma câmara de cocção de planta sub-circular construída essencialmente com tijolo. Nas

sondagens 9, 10 e 11 registaram-se várias estruturas de configuração muito diferente entre si, constituídas por uma série de depressões e fossas.

Na Sondagem 8 detectou-se uma realidade bastante complexa constituída por várias estruturas cortadas nos “caliços”, cuja caracterização não foi possível realizar adequadamente dada a reduzida dimensão da área disponível para a intervenção arqueológica. A componente artefactual registada em alguns depósitos deste contexto, é constituída por cerâmica de fabrico manual, sendo de destacar vários fragmentos de prato de bordo almendrado. A reduzida expressividade da cerâmica recolhida nesta estrutura impossibilita uma classificação cronológica mais precisa, assim, pode-se afirmar que se trata de um contexto cuja datação poderá

ser colocada nos inícios do III milénio a. C., podendo remontar aos finais do milénio anterior.

Por fim, importa realçar um contexto datável do período medieval ou mais provavelmente moderno, constituído por um silo de grandes dimensões identificado na Sondagem 7, que forneceu vários fragmentos de faiança, cerâmica comum e vidrada, consentâneos com as referidas cronologias.

Concluída a escavação foi possível através de acordo com o dono de obra, EMAS EEM, proceder ao desvio da conduta, salvaguardando deste modo o forno e a sepultura da sondagem 3. A localização das restantes estruturas funerárias possibilitou a sua conservação *in situ*.

OS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS DA ANTIGUIDADE TARDIA

As sepulturas [204], [307] e [406] apresentam tipologias e características arquitectónicas semelhantes. O facto de não ter sido necessário proceder ao desmonte das estruturas sepulcrais, poderia constituir um óbice ao conhecimento do seu processo construtivo. No entanto, as realidades estratigráficas patentes nas três sondagens indicam que a construção das sepulturas iniciava-se com a escavação de uma fossa de planta ligeiramente sub-rectangular, orientada no sentido Oeste-Este, com cerca de 30 a 40 cm de profundidade. Em seguida, as

paredes da fossa eram revestidas maioritariamente com blocos pétreos de pequeno e médio porte, toscamente aparelhados. A cerâmica de construção (*tegula*, *imbrex* e *later*) foi utilizada em muito menor número, embora se tenha recorrido à colocação de vários tijolos para nivelar o topo dos muros delimitadores das caixas sepulcrais, nomeadamente nas sepulturas [307] e [406]. Para ligar os vários elementos construtivos e colmatar as respectivas juntas foi utilizada uma argamassa de cal e areia.

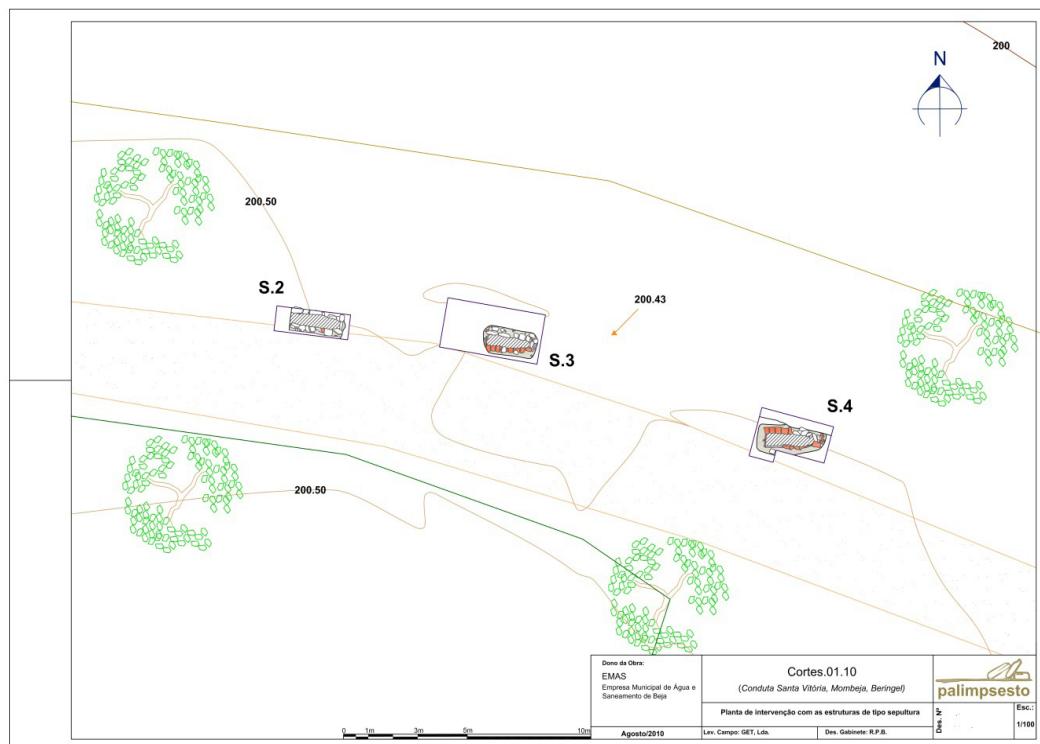


Fig. 3 – Implantação das sepulturas [204], [307] e [406].

A OCUPAÇÃO DA ANTIGUIDADE TARDIA DO SÍTIO CORTES 1 (MONTE DAS CORTES, MOMBEJA, BEJA)

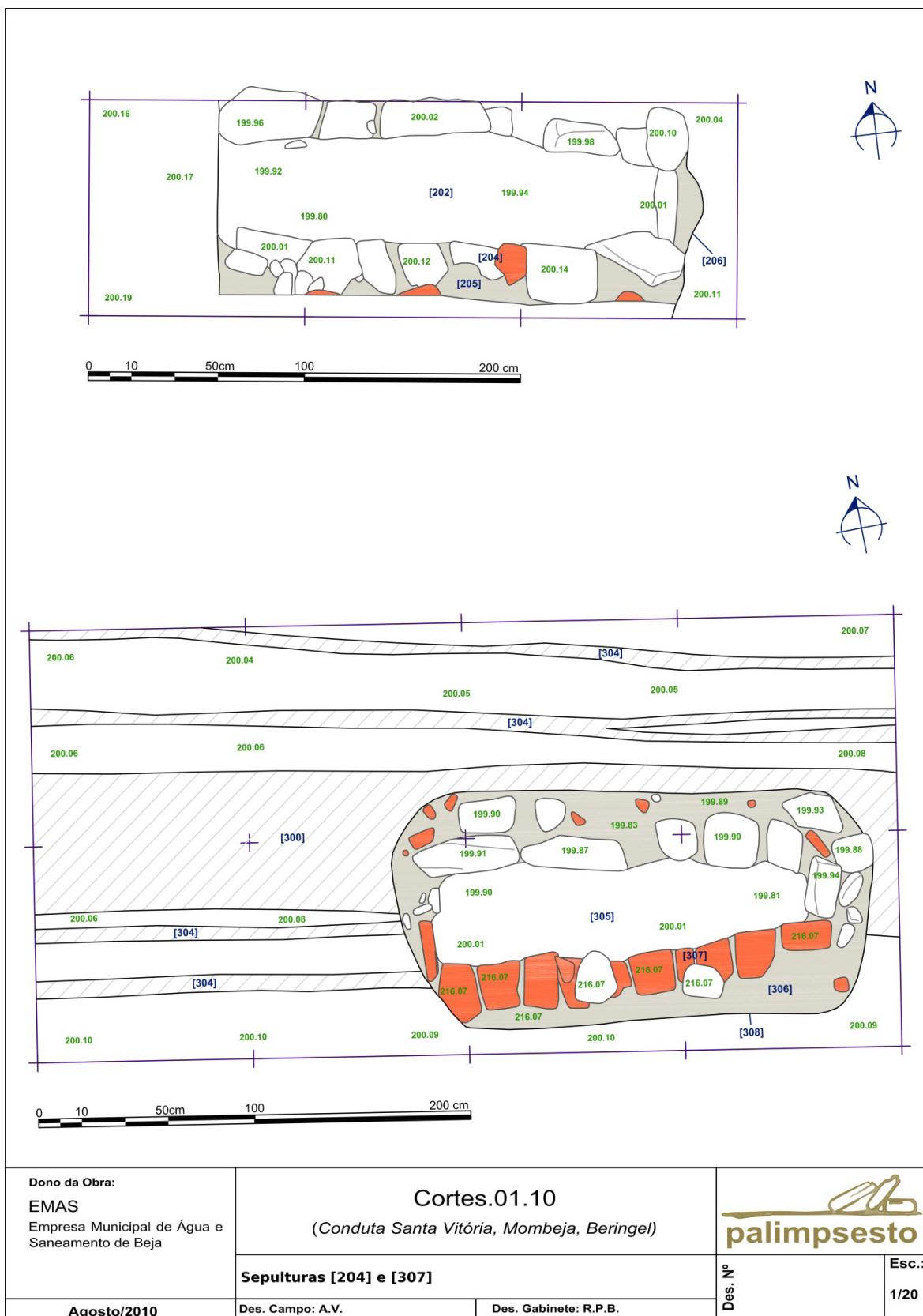


Fig. 4 – Sepulturas [204] e [307].

Apenas uma sepultura, [406], conservava ainda grande parte da cobertura, formada por grandes lajes de granito dispostas horizontalmente em conjunto com alguns tijolos. Ao contrário da restante estrutura

sepulcral, os elementos da cobertura foram simplesmente dispostos a seco, uns sobre os outros, não se registando vestígios de argamassa ou de outros materiais ligantes.



Fig. 5 – Sepultura [406].

No interior das sepulturas identificaram-se os restos osteológicos de três indivíduos, [203], [309] e [404], inumados sem qualquer espólio associado. A partir do estudo antropológico preliminar realizado em campo² é possível avançar com uma caracterização sucinta dos inumados. Nomeadamente no que se refere aos restos ósseos dos enterramentos [309] e [404] em melhor estado de conservação, pois da inumação

[203] subsistiram apenas alguns fragmentos de ossos bastante deteriorados, que pertencerão provavelmente a um adulto, cujo sexo não foi possível determinar.

O enterramento [309] corresponde a um adulto do sexo feminino com 152cm de comprimento máximo, por sua vez, o indivíduo [404] diz respeito a um homem adulto, maior de 30 anos, com 158cm de comprimento máximo.

2 - Trabalho realizado pela Dr.^a Zélia Rodrigues.

**A OCUPAÇÃO DA ANTIGUIDADE TARDIA DO SÍTIO CORTES 1
(MONTE DAS CORTES, MOMBEJA, BEJA)**



Fig. 6 e 7 – Enterramentos [203] e [309].



Fig. 8 – Enterramento [404].

Todas as inumações foram realizadas em decúbito dorsal, com o crânio depositado a Oeste e os pés a Este. A posição do crânio e a dos membros superiores não respeitava um padrão específico, contrariamente, os membros inferiores foram sempre colocados estendidos e paralelos entre si.

Os silos [106], [504], [607] e [1208] chegaram até nós completamente entulhados com sedimentos que incluíam também inúmeros fragmentos de materiais de

construção e de blocos de pedra de várias dimensões, alguma cerâmica e restos faunísticos.

O silo [106] apresenta em planta uma abertura superior de morfologia sub-ovalada, com cerca de 54 cm. de diâmetro máximo. A partir da abertura as suas paredes vão-se alargando, até atingirem um diâmetro máximo de 131cm, sensivelmente a metade desta estrutura. A profundidade máxima registada é de 125cm.

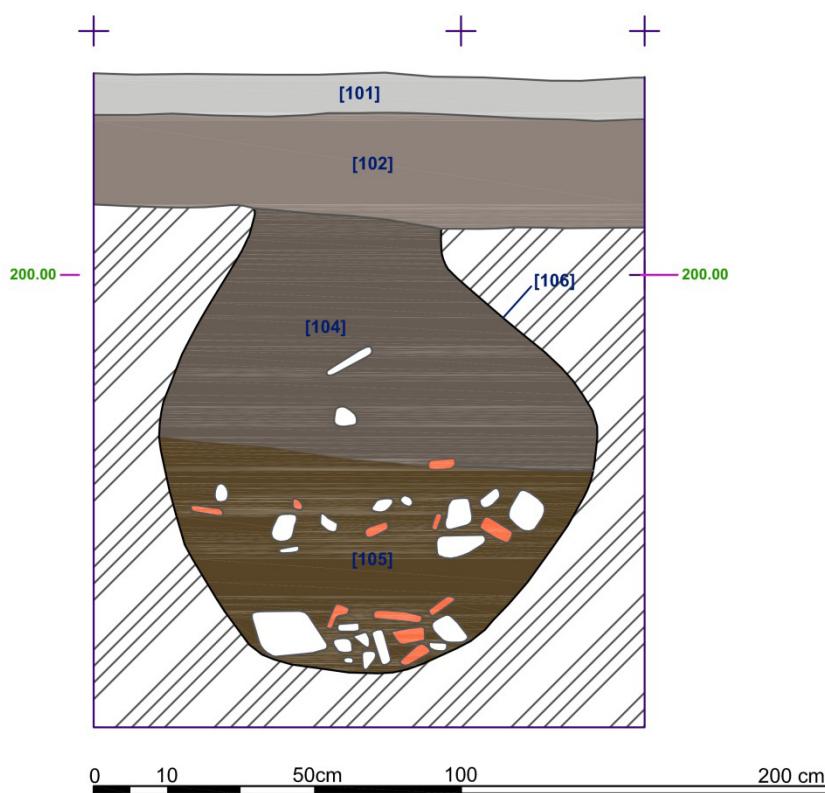


Fig. 9 – Estrutura [106].

A estrutura [106] foi colmatada com dois sedimentos de textura arenosa [104] e [105], este último caracteriza-se ainda por apresentar numerosos fragmentos de cerâmica de construção e blocos de pedra. O espólio arqueológico recolhido é constituído na sua esmagadora maioria por restos faunísticos, por fragmentos de cerâmica de construção e cerâmica comum. Os recipientes de armazenagem estão presentes em muito menor número, contando-se vários fragmentos de *dolia* e um único bordo de ânfora da forma Almagro 51 C.

Na sondagem 5 após a remoção da camada de solo agricultado, identificaram-se os contornos sub-circulares

da estrutura [504]. A perturbação estratigráfica provocada pela maquinaria agrícola não possibilitou uma definição clara do que seria a parte superior deste silo que se encontrava bastante destruída. A sua abertura apresenta em planta uma forma sub-circular, com um diâmetro de 117cm na sua maior extensão, por seu turno, o perfil conservado numa profundidade máxima de 129cm, é bastante irregular e totalmente assimétrico. A parede Este desenvolve-se em linha recta até à curvatura da base, em contraponto, a parede Oeste descreve um traçado relativamente curvo, daqui resultando um diâmetro máximo de 134cm, superior ao do topo.

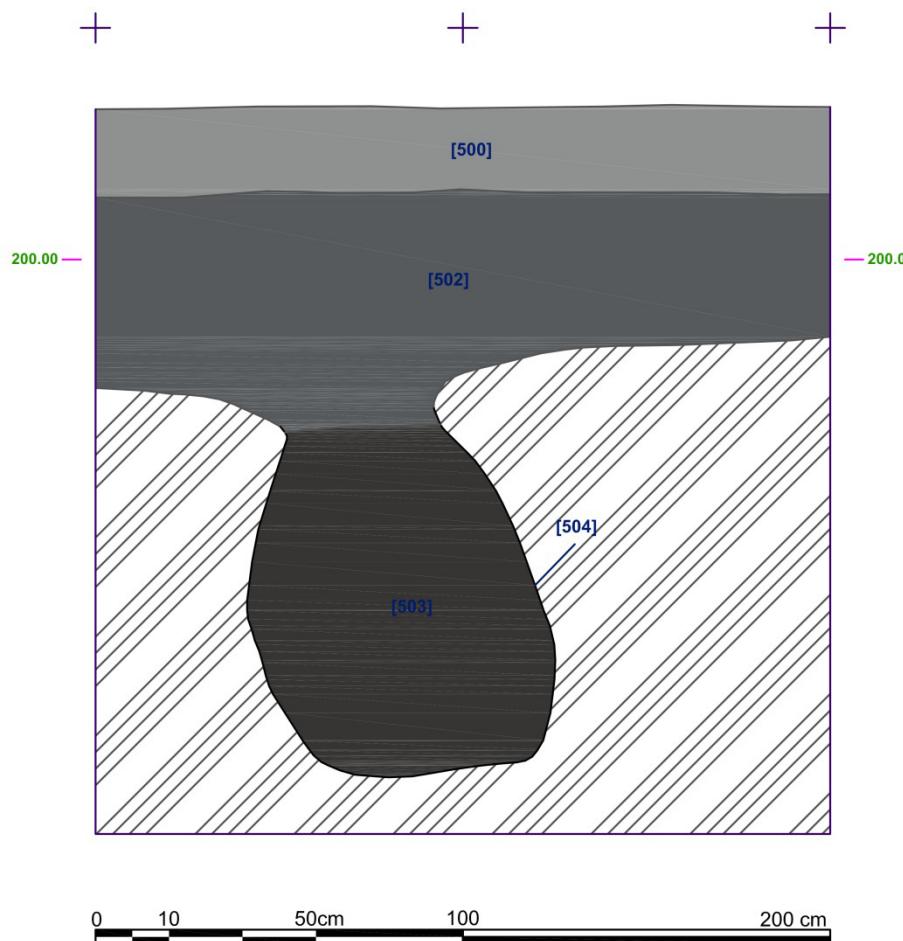


Fig. 10 – Estrutura [504].

A amortização do silo [504] foi realizada com um único enchimento [503], constituído por um sedimento arenoso, pouco compacto, de coloração castanha escura, com alguns blocos de pedra. Para além dos inúmeros restos faunísticos, recolheu-se também um grande conjunto de cerâmica comum, de construção e de armazenagem (*dolia*).

O silo [1209] apresenta em perfil em forma de campânula, com uma abertura superior de forma sub-circular, com 53 cm de diâmetro que sofre um estrangulamento de 6cm, antes das suas paredes atingirem o diâmetro máximo de 150cm já no último terço da estrutura. A base é aplanada perfazendo um diâmetro de 135cm. O processo de colmatação apresenta maior complexidade quando comparado com o dos restantes contextos do mesmo tipo, contabilizando-se no seu

interior cinco enamentos. No entanto, exceptuando-se [1207] composto por um sedimento argiloso com inúmeros blocos de pedra, todos os restantes depósitos apresentavam características pedológicas semelhantes, partilhando uma matriz tendencialmente arenosa. Em claro contraste com esta situação, a coloração dos estratos apresentava uma grande variabilidade, possibilitando uma diferenciação clara dos vários enamentos. Neste último caso, pode-se referir [1208] que constitui o primeiro momento de colmatação do silo, correspondente a um depósito arenoso de tonalidade esbranquiçada, resultante da acumulação de “caliços” proveniente do derrube de parte das suas paredes. A partir daqui poderá pressupor-se que antes da sua amortização final, o silo [1209] permaneceu vazio durante um período indeterminado de tempo.

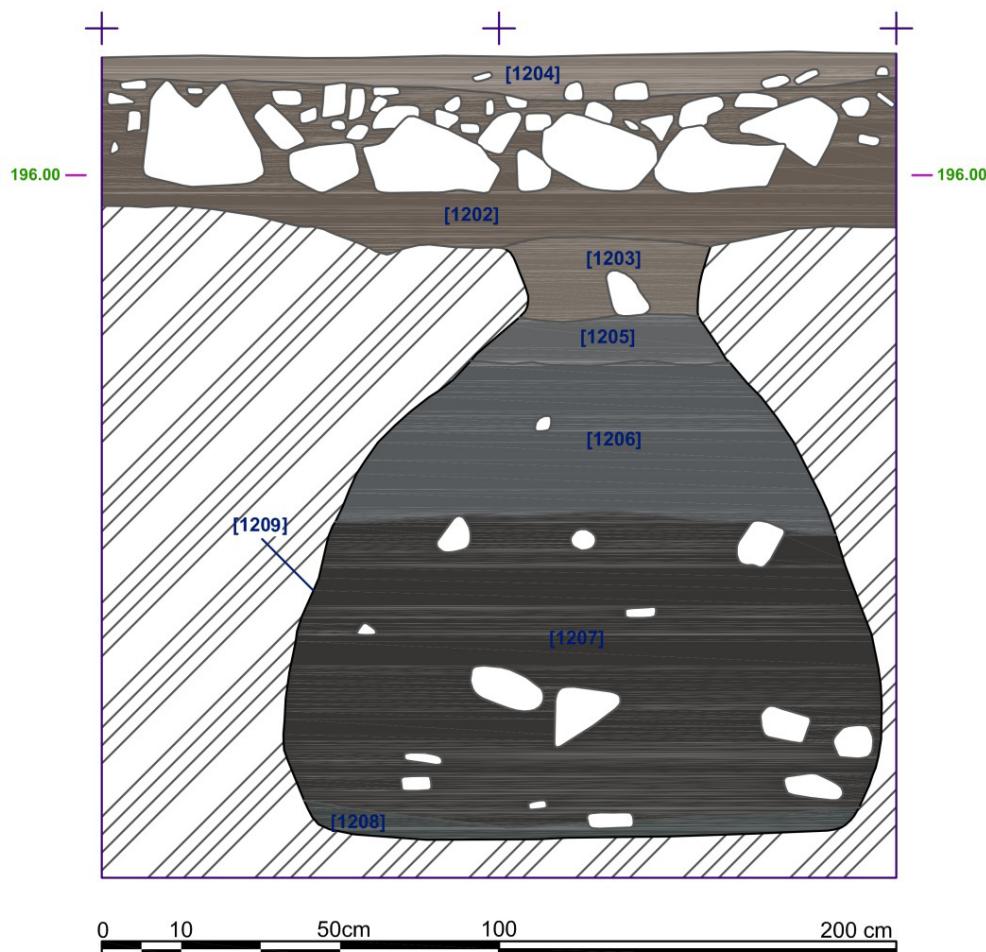


Fig. 11 – Estrutura [1209].

Ao nível dos materiais arqueológicos, para além da relativa abundância da cerâmica comum e de construção, e da presença pontual de fragmentos de *dolia*, destaca-se um fragmento informe de vidro incolor. Ao nível das cerâmicas finas, recolheram-se apenas três pequenos fragmentos de *terra sigillata*, consequentemente muito limitados ao nível da sua caracterização tipológica. Deste modo e não sem algumas dúvidas, apenas foi possível determinar a região produtora. Assim, enquanto um dos fragmentos apresenta uma origem claramente hispânica, os dois restantes deixam antever uma muito provável produção africana.

O forno identificado na Sondagem 7, [712], foi

construído numa depressão previamente escavada no solo, com recurso a um aparelho composto na sua maioria por tijolos e pedras não aparelhadas de calibre pequeno, ligados com argamassa. Uma argamassa com características semelhantes foi utilizada para regularizar o pavimento interior desta estrutura. A câmara apresenta uma planta sub-circular com 100cm de diâmetro, à qual se accede através de um corredor delimitado por dois muros, dos quais o maior com 100cm de comprimento e o menor com 90cm. A extensão desigual destes muros resulta em grande medida da adequação da construção à microtopografia do terreno, originada pela escavação da fossa de implantação do forno.

**A OCUPAÇÃO DA ANTIGUIDADE TARDIA DO SÍTIO CORTES 1
(MONTE DAS CORTES, MOMBEJA, BEJA)**

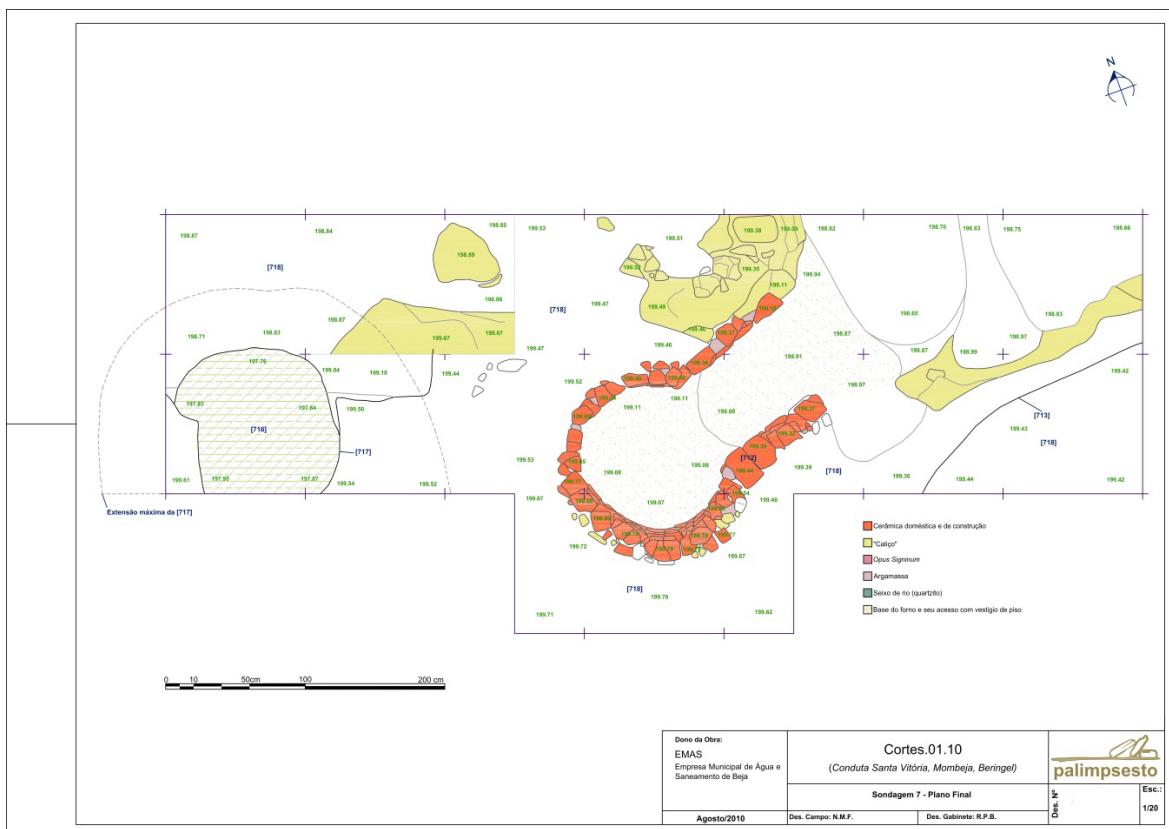


Fig. 12 – Estrutura [712].



Fig. 13 – Plano final da Estrutura [712].

O interior da câmara e do corredor encontrava-se preenchido por derrubos de pedra e material de construção, envolvidos por um sedimento arenoso com muitos carvões e restos faunísticos. Na zona frontal e em redor da entrada do corredor identificaram-se dois depósitos de tonalidade acinzentada, com inúmeros restos de carvões, que corresponderão a áreas de despejo do material proveniente da limpeza do forno.

Nos derrubos e nos rejeitados do forno recolheu-se um grande número de restos faunísticos, destacando-se o crânio de um bovino associado a outros ossos em conexão anatómica recolhidos no corredor do forno. A componente artefactual é constituída essencialmente por cerâmica comum e de construção, tendo-se recolhido ainda um fragmento de uma mó manuária. Daqui provêm igualmente dois blocos de argamassa, um dos quais pertencente a um pavimento em *opus signinum*.

No que se refere à funcionalidade do forno [717]

não abundam no registo arqueológico evidências que possibilitem determinar com segurança, quer uma actividade específica, quer o, ou os produtos que aí seriam confeccionados. Apesar de tudo, existem alguns indícios que conjugados poderão contribuir para de algum modo aclarar esta questão.

Comparando os materiais arqueológicos da Sondagem 7 com aqueles provenientes das restantes, verificam-se algumas particularidades, nomeadamente o número muito superior de restos faunísticos e de fragmentos de uma forma cerâmica em específico, caracterizada por possuir um perfil pouco profundo e umas paredes praticamente verticais entre o bordo e a base. O facto destes recipientes cerâmicos apresentarem uma forma aberta e um grande diâmetro habilita-os especialmente para uma utilização no interior do forno, um pouco à semelhança dos nossos tabuleiros.

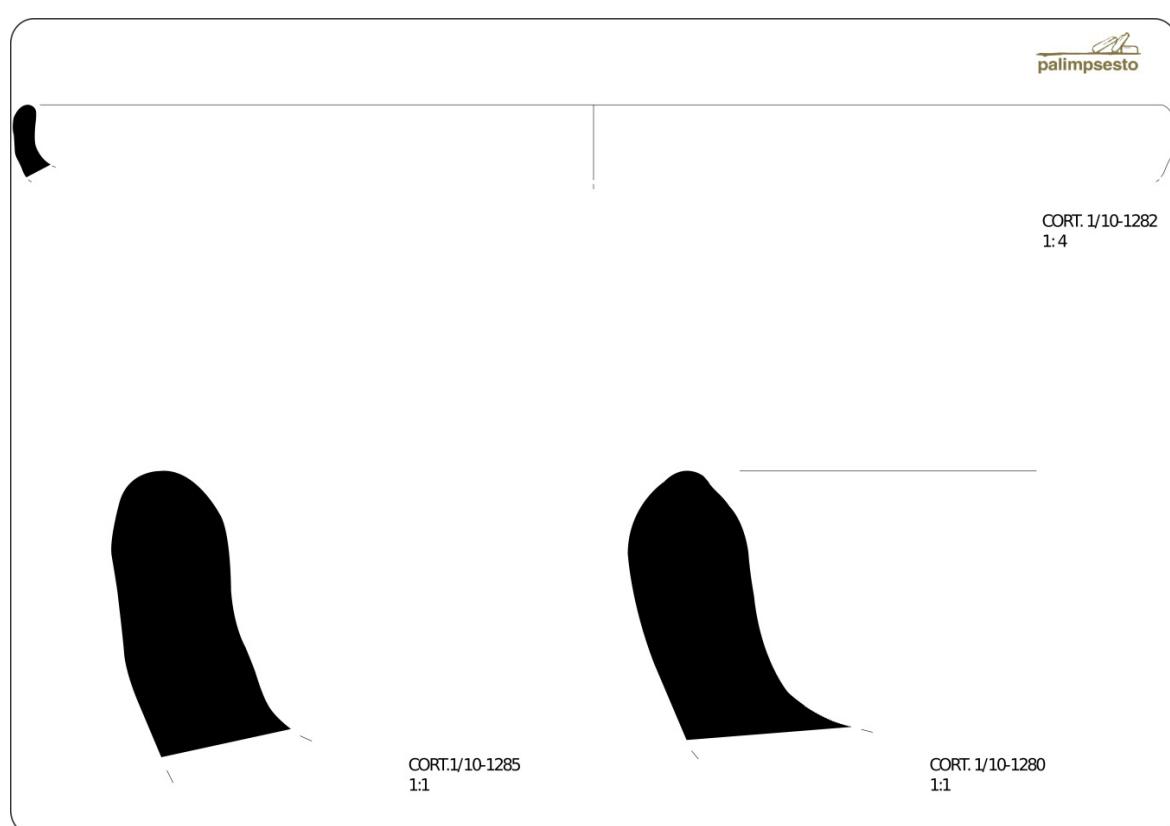


Fig. 14 – Recipientes abertos de grande diâmetro recolhidos no interior da Estrutura [712].

No entanto, em contraponto a uma especialização funcional, será sobretudo de valorizar as inúmeras actividades que poderiam ser realizadas numa estrutura deste tipo, ainda para mais quando inserida num contexto rural.

Os restantes contextos arqueológicos intervencioná-

dos em Cortes 1 são constituídos por uma série de depressões e fossas (Sondagem 9, 10 e 11) de dimensões e configurações extremamente variadas, cuja escavação não foi possível realizar na totalidade, devido à impossibilidade de alargar a área.

Em claro contraste com a grande diversidade

patente na configuração das estruturas, a estratigrafia registada no seu interior apresenta uma certa homogeneidade, caracterizando-se por uma sucessão de vários depósitos de matriz essencialmente argilosa. Ao nível dos materiais arqueológicos estes depósitos apresentam uma grande quantidade de elementos de construção inutilizados, destacando-se a recolha na Sondagem 9 de um fragmento de tijolo de sextante e de um elemento arquitectónico, bastante incompleto, lavrado em mármore. Para além da cerâmica comum que está muito bem representada nestes contextos,

deve ainda referir-se a presença de alguns fragmentos de *dolia* e a escassez de cerâmica fina, representada por um único bordo de *terra sigillata* hispânica da forma Dragendorf 24/25. Totalmente excepcional foi a recolha na Sondagem 11 de uma fibula do tipo Ponte 51 2.a.

Entrando em linha de conta com as características morfológicas dos contextos, da estratigrafia e dos materiais arqueológicos recolhidos nas Sondagens 9, 10 e 11, será de considerar como muito plausível a sua interpretação enquanto lixeiras.



Fig. 15 – Fibula do tipo Ponte 51 2.a.

APONTAMENTOS EM JEITO DE CONCLUSÃO

Os resultados agora apresentados deverão ser encarados com alguma reserva, pois o estudo deste sítio arqueológico encontra-se numa fase muito inicial, principalmente no que toca ao estudo da componente eco e artefactual. A compartimentação da área de intervenção em 12 sondagens de dimensões variáveis, intercaladas numa espaço com cerca de 500m de extensão total, conjugada com o facto de a grande maioria das ocorrências intervencionadas corresponderem a contextos devolutos, limita em

muito a tentativa de estabelecer correlações espaciais e também cronológicas entre as várias áreas da intervenção. Perante este cenário, é neste momento difícil confirmar se os contextos identificados em Cortes 1 corresponderão a realidades relativamente sincrónicas no tempo, ou se pelo contrário, estaremos perante vários horizontes de ocupação espaçados ao longo da Antiguidade Tardia.

Esta situação é também dificultada pelo facto da esmagadora maioria do material arqueológico recolhido,

corresponder a produções regionais de cerâmica comum constituídas por uma série de tipos com uma larga pervivência cronológica ao nível da sua produção e utilização.

Por outro lado, os materiais arqueológicos que poderiam funcionar como verdadeiros marcadores cronológicos, para além de escassos, provêm na sua maioria de contextos secundários, com todas as consequências daqui decorrentes relativamente à datação destas realidades. Estes materiais apresentam ainda cronologias muito dilatadas no tempo, como é o caso da fíbula tipo Ponte 51 2.a e do fragmento de bordo de ânfora Almagro 51C. Neste último caso são igualmente determinantes as dificuldades em classificar as diversas variantes das ânforas Almagro 51C partindo exclusivamente de pequenos fragmentos de bordo, como é o caso daquele proveniente do silo [106]. Devido à impossibilidade de classificar o fragmento de Cortes 1 numa das variantes da forma Almagro 51C e assim definir uma cronologia de produção mais precisa, pode apenas adiantar-se que esta forma foi produzida entre o século III e o V nos fornos do Tejo, do Sado e da costa algarvia (Fabião, Filipe e Brazuna, 2010).

Para a resolução desta questão também não contribui a fíbula de tipo Ponte 51 2.a atrás referida, por apresentar um período de utilização muito dilatado no tempo, situado entre o século I e o IV d. C. (Ponte, 2006, 401).

Conjugando os elementos cronológicos proporcionados pelo fragmento de ânfora Almagro 51C e da fíbula, com aqueles fornecidos pelos parcos e diminutos fragmentos de *terra sigillata* Hispânica e Africana, poderá colocar-se o momento de amortização das estruturas identificadas em Cortes 1 num período que deverá rondar os finais do século IV e o V d. C.

Apesar de não ter sido recolhido espólio associado às inumações das sepulturas [204], [307] e [406], poderemos aduzir alguns argumentos que contribuirão para sustentar uma datação do século IV ou V d. C. Assim, para além da utilização nas sepulturas de material de construção reutilizado e da preferência pela deposição em decúbito dorsal, será de valorizar principalmente a inexistência de espólio e o aparente desinteresse em sinalizar as sepulturas. É comumente aceite que a tendência para realizar inumações sem qualquer espólio associado inicia-se a partir do século III, e vai crescendo em paralelo com a difusão do Cristianismo, religião que em detrimento dos valores terrenos sobrevaloriza a via

espiritual no acesso ao mundo extra-terreno (Cunha, 2008, 680).

Neste texto não é nosso objectivo proceder a um enquadramento regional dos contextos tardo-antigos de Cortes 1, tarefa para a qual nos falta não só o espaço mas também um estudo aprofundado dos materiais arqueológicos. Não podemos no entanto, deixar de referir as evidentes semelhanças existentes entre as realidades agora identificadas e as do sítio Vale de Barrancas, apesar de não estar publicado um estudo definitivo dos materiais arqueológicos provenientes deste sítio. Da escavação em área deste último local resultou, na opinião dos responsáveis pela intervenção, o conhecimento de um casal agrícola constituído por áreas funcionais específicas, composto por um edifício habitacional e estruturas de apoio às actividades domésticas e agrícolas. Entre as estruturas relacionadas com o quotidiano dos habitantes encontravam-se vários silos e fossas detriticas, assim como um forno que compartilha algumas características morfológicas e arquitectónicas com aquele identificado na Sondagem 7 de Cortes 1 (Jesus et al, 2001, 37).

Em redor dos edifícios de Vale de Barrancas foram identificadas três sepulturas escavadas no substrato geológico, todas elas construídas com materiais de construção e fragmentos de grandes recipientes de armazenagem reutilizados. Os mesmos elementos constituiriam a cobertura das sepulturas 1 e 3, embora o encerramento da sepultura 2 tenha sido realizado com blocos de granito colocados transversalmente (Jesus et al, 2001, 38).

A partir dos dados de Vale de Barrancas poderemos pressupor que as realidades arqueológicas identificadas em Cortes 1 corresponderão a uma ou várias instalações dedicadas à exploração agrícola dos “barros negros” de Beja. Estes contextos datados com alguns condicionalismos, dos finais do século IV e do século V, constituem sem dúvida, um acrescento humilde mas importante para o conhecimento do território rural de *Pax Julia* durante a Antiguidade Tardia. Contributo que apesar de limitado no que toca ao estudo do povoamento e da estruturação política e administrativa daquele território, se torna extremamente relevante para uma abordagem ao quotidiano das populações rurais deste período. Ainda para mais se considerarmos que estes núcleos rurais desempenharam um papel importante ao manter em funcionamento todo um sistema produtivo que permitiria não só o abastecimento das cidades, mas também

e acima de tudo o pagamento de impostos, fulcrais para a manutenção da vida urbana nestes períodos politicamente conturbados (De Man, 2009, 202).

Antes de terminar, espaço ainda para umas breves considerações sobre os contextos pré-históricos e históricos identificados nesta intervenção. O contexto neo-calcolítico, apesar das dimensões reduzidas da área intervencionada, não descartando a hipótese de constituir uma ocorrência isolada, deixa antever a forte probabilidade de se tratar de uma ocupação mais vasta espacialmente. No futuro, será interessante averiguar e caracterizar mais aprofundadamente o povoamento deste período nesta zona dos Barros de Beja, incluindo igualmente o sítio Murteira 6 (Cf. artigo neste volume),

assim como as novidades mais recentes trazidas por uma série de intervenções arqueológicas realizadas no âmbito do projecto Alqueva da responsabilidade da EDIA, e onde um sítio como Porto Torrão desempenhará sempre um papel central.

Os vestígios atribuídos aos finais da Idade Média/Época Moderna, configuraram apenas mais um caso entre muitos, que testemunham a longa diacronia da ocupação humana. Neste caso, pensamos que os recursos hídricos e as potencialidades agrícolas dos solos desta zona, conjugados com a proximidade da cidade de Beja, terão sem dúvida desempenhado um papel determinante para a fixação do povoamento nesta área ao longo dos tempos.

BIBLIOGRAFIA:

- ALARCÃO, J. de (1978) - Vidros romanos no Museu Nacional de Arqueologia, *Conimbriga*, 17, 101-112.
- ALARCÃO, J. de (1988) - Roman Portugal, vol. II, Fasc. 3, Warminster.
- CUNHA, M. (2008) – “As necrópoles de Silveirona (Santo Estevão, Estremoz) – Reflexões sobre a Antiguidade Tardia”, *Vipasca*, 2, 2^a série, 678 – 685.
- DE MAN, A. (2009) – “Funções estruturantes de algumas *villae* pós-romanas”, *Cadmo*, 19, 199 - 208.
- FABIÃO, C.; FILIPE, I.; BRAZUNA, S. (2010) – “Produção de ânforas em época romana em Lagos: os dados resultantes das intervenções de contrato realizadas no âmbito do projecto URBCOM”, *Xelb*, 10, 323 – 336.
- ENCARNAÇÃO, J. de (1984) – Inscrições Romanas do *Conventus Pacensis*: subsídios para o estudo da romanização, Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- JESUS, L. de; GOMES; L. F. C.; CARVALHO, P. S. M. de; SANTOS, F. J. C. dos (2001) – “Trabalhos arqueológicos no Vale de Barrancas (Concelho de Beja)”, *Vipasca*, 10, 27 – 45.
- LOPES, M. da C. (2003) - A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da “*civitas*” de *Pax Julia*, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- PONTE, S. da (2006) – Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas de Portugal, Caleidoscópio, Coimbra.
- RICARDO, I. e GRILLO, C. (no prelo) - Carta de Património arqueológico e arquitectónico. Beja – Caderno de Mombeja, Câmara Municipal de Beja.
- OLIVEIRA, J. T. (coord.), (1992) - Notícia explicativa da Folha 8 da Carta Geológica de Portugal, Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- VASCONCELOS, J. L. de (1909) - “Unguentário de Mombeja”, O Arqueólogo Português, Série 1, Vol. 14, n.º 18, 57.